

## **Transcelato kawaii — radicalização e transfeminilidade via subjetivações virtuais**

Eduarda Neves Camargo<sup>1</sup>

Resumo: O seguinte texto analisa através da produção e circulação de memes a interseção entre subjetivações de corpos dissidentes, com ênfase no termo guarda-chuva transfeminilidades, e os espaços de radicalizações de extrema-direita. Pensando nas observações anedóticas de ex-usuários do 4chan, na discursividade de usuários do X e plataformas como Discord, descreveremos como a captura do desejo por uma inserção social tem gerado discursos emergentes tais como "*incel to trans pipeline*" e "*transmaxxing*", no qual uma crescente interseção entre a formação da masculinidade (ou falta de adequação a ela) dos incels se encontra com expressões de gênero associadas à transição e as transfeminilidades. Se, por um lado, a transição aparece como linha de fuga para a coerção dos padrões de gênero para essas pessoas, por outro, ela tem operado por uma reterritorialização com tons de supremacismo branco entre algumas das pessoas trans que têm suas relações de comunidade alicerçadas estritamente nesses espaços, surgindo uma síntese específica de uma subjetividade trans com marcas do léxico e da visualidade dos memes *channers*. Dessa maneira, buscamos elucidar como um mundo estético coletivo, hoje em dia operado majoritariamente através dos memes e das comunidades ao seu redor, serve de base para a compreensão do encontro de dois grupos que pareciam, em primeira instância, como oposição.

**Palavras-chave:** Transgeneridade, radicalização, memética, comunidades digitais.

### **1. “*Por que não existem femboys negros?*” e o enclave transfeminino em fóruns anônimos**

---

<sup>1</sup> Mestre pela UNESP - Instituto de Artes.

## 4chan femboy be like

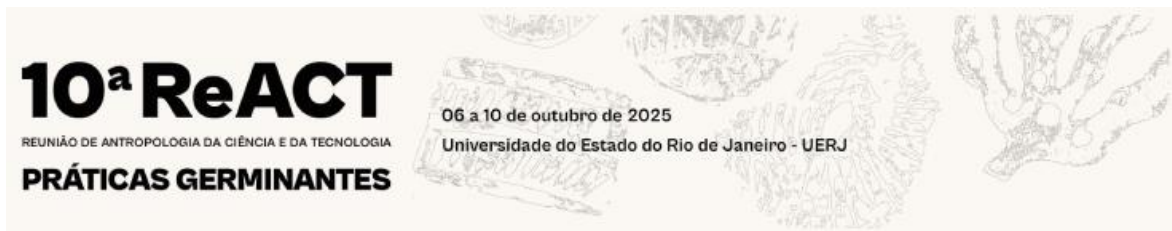


Fig. 1. Imagem encontrada no Google ao se pesquisar “femboy 4chan”, a qual segue o padrão de memes channers ao apresentarem um “personagem” e suas falas no espaço vazio ao redor. Aqui, notamos não só a relação imagética/projetiva com o anime com uma “negação” de qualquer forma de homossexualidade/sexualidade desviante ao se envolver com *femboys*, parte constitutiva dessa categoria.

A origem desse texto se deu a partir de um questionamento feito em um evento organizado pelo Centro de Pesquisa Travesti, “Tecnologias biossociais de gênero no TRAVECOCENO”<sup>2</sup>, no qual uma outra pessoa trans questiona: “Por que não existem *femboys* negros?”. Na época, a resposta se baseou no fato que a concentração de pessoas que se autoidentificam dessa forma — enquanto *femboys* e seus correlatos — ocorrer em plataformas que são fóruns anônimos como o 4chan e o Reddit, espaços nos quais

<sup>2</sup> CENTRO DE PESQUISA TRAVESTI.

Tecnologias biossociais de gênero no TRAVECOCENO. Youtube, 1h23min12s. Disponível em: <<https://youtu.be/bRu9cz2dcOc?si=go1Zvrbl0eJ7rteJ>>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.



(principalmente no primeiro) coexistem uma série de expressões meméticas racistas e de extrema-direita<sup>3</sup>.

Com o tempo, em plataformas como o X<sup>4</sup>, percebemos um número crescente, principalmente de pessoas jovens, que compartilham de um mesmo léxico e imaginário que os usuários do 4chan, que tendem à autoidentificação como *femboys*, e as quais a expressão visual pouco se distingue dos incels. Se naquela mesa organizada pelo CPT foi importante sublinhar como há alguma forma de simetria nos procedimentos hormonais de mulheres bombadas (como o chip da beleza<sup>5</sup>) e homens fisiculturistas com os de pessoas trans, e por outro lado uma *assimetria*: o acesso facilitado desses procedimentos a essas pessoas, o qual podemos observar na hormonização compulsória de crianças que passam por reposição hormonal e devem ter uma adequação da produção hormonal à genitália<sup>6</sup>, atualmente pensamos que outro fenômeno de enclave entre as identidades trans e cis pode iluminar uma situação emergente: o binômio entre transfeminilidade e os incels.

O campo comum o qual conecta esses três fenômenos; o circuito coach-igreja-academia dos *bodybuilders*, a intensidade da atomização dos indivíduos no incelato e o espectro crescente de autoidentificações entre pessoas trans é um momento de crise e possível falência da família nuclear, ao qual retornaremos no momento final do texto. Como bem se sabe dentro do longo debate proposto pelas marxistas feministas e pôde ser observado nas

---

<sup>3</sup> Cf. MACIEL, GONÇALVES-SEGUNDO, 2024.

<sup>4</sup> Vale ressaltar as transformações que o Twitter ao tornar-se X tem passado: desde que adquirida por Elon Musk, a plataforma tornou-se progressivamente mais receptiva a conteúdo de extrema-direita, não só não o censurando, mas aparentemente (e aqui partimos de uma observação anedótica) impulsionando de “maneira orgânica” esse tipo de fluxo memético a ponto de muitos dos seus usuários, após a proibição de Alexandre de Moraes, migrarem de vez para o Bluesky. Perto das eleições dos EUA parece que a plataforma deu um outro salto nesse sentido, e hoje a intensificação dessa normalização chega ao ponto de não só o discurso de ódio, mas vídeos *gore* e afins circularem sem serem derrubados. O estado do X parece confirmar um movimento mais amplo: a crescente colonização do espaço virtual pela lógica memética do 4chan pós 2016, no qual também ocorreu a conflagração do avatar “Pepe” com a figura de Trump.

<sup>5</sup> O chip da beleza é uma forma de implante hormonal da gestrinona, um hormônio sintético com fins androgênicos e ação antiestrogênica. Apesar da proibição pela ANVISA, uma busca rápida no Google permite encontrar clínicas em diversos lugares no país que realizam o procedimento.

<sup>6</sup> Nesse fator reside, também, o caráter de transgressão técnica do uso de hormonização por pessoas trans: originalmente concebidos como anticoncepcionais, pessoas trans operam um *hackeamento* consciente e coletivo, deslocando um produto feito para a cissexualidade para a modificação corporal-subjetiva para além dos seus confins e constrações.

tentativas de diluição e reforma em um certo período na União Soviética, no qual era permitido o casamento com mais de uma pessoa e as crianças passavam uma parte considerável do dia em creches sociais<sup>7</sup>, o mito da família nuclear-biológica-tradicional advém da formação específica do proletariado industrial e foi essencializado para a manutenção da reprodução social<sup>8</sup>. Em um período em que até mesmo Francis Fukuyama se questiona sobre a falência do Fim da História<sup>9</sup>, o qual Chico de Oliveira chamou de “hegemonia às avessas” a partir de Gramsci<sup>10</sup>, Mbembe nomeou enquanto devir-negro do mundo<sup>11</sup>, o coletivo Endnotes identificou enquanto feminização do trabalho em seu texto *The Logic of Gender* (2013) e as muitas línguas chamam de diferentes capitalismos adjetivados

---

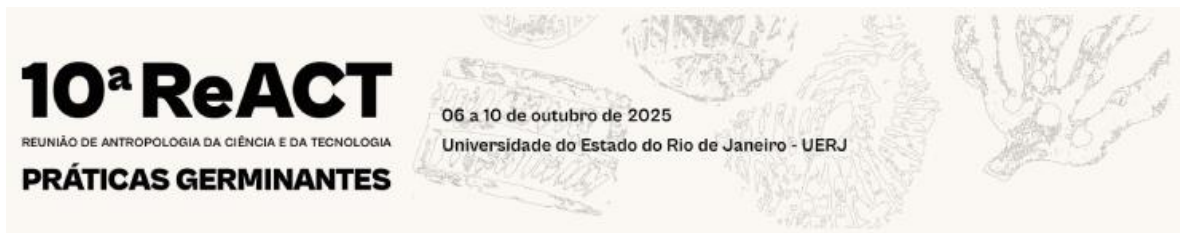
<sup>7</sup> Cf. ALVES VESTENA, GOULART LAMARÃO, RODRIGUES BRUZZI; 2014. Como as autoras demonstram a partir do trabalho de Wendy Goldman, a emancipação das mulheres não foi somente um ponto discursivo e teórico, como passou por alterações jurídicas importantes e de alcance global. Todavia, a implementação de uma política de amor livre não deixou de gerar problemas de exploração das mulheres, visto que ainda recebiam salários menores, menor capacitação profissional e portanto adoção da prostituição como forma de sobrevivência. Contudo, é inegável que a União Soviética foi um lugar ímpar ao tentar pensar teoricamente, juridicamente e organizacionalmente uma reformulação familiar, mostrando também os limites de certas opostas (como a questão do enfraquecimento jurídico do casamento).

<sup>8</sup> No sentido da naturalização dos papéis sexuais e os processos de subjetivação advindos dele, o trabalho de Sylvia Wynter (2015) é exemplar ao transformar a sociogenia de Frantz Fanon em “código sociogênico” e traçar uma genealogia do sujeito do Humanismo, do Feudalismo até o momento da virada darwiniana na qual o sujeito implícito de toda subjetivação passa a ser o homem burguês.

<sup>9</sup> MENAND, Louis. Francis Fukuyama Postpones The End of History: The political scientist argues that the desire of identity groups for recognition is a key threat to liberalism. The New Yorker, Nova Iorque, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2018/09/03/francis-fukuyama-postpones-the-end-of-history>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

<sup>10</sup> Para Chico de Oliveira, tomando a situação pós-apartheid na África do Sul, essa “hegemonia às avessas” ocorre com uma forma de “direção moral” tomada pelas classes dominadas (como a concessão de políticas de Estado de bem-estar social, como a Bolsa Família aqui) a qual não toca ou modifica a manutenção da exploração burguesa. Cf. OLIVEIRA, Chico. Hegemonia às avessas: Como na África do Sul do fim do apartheid, também no Brasil de Lula e do Bolsa Família parece que os dominados dominam, quando na verdade o governo capitula diante da exploração desenfreada. Revista Piauí, Rio de Janeiro, 4 jan. 2007. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hegemonia-as-avessas/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

<sup>11</sup> Em *Crítica da Razão Negra* (2014), Mbembe apresenta o devir-negro do mundo como uma “transnacionalização da condição negra” de todos os sujeitos enquadrados na categoria de “subalternidade”. A flexibilização do neoliberalismo e o aprofundamento em um sujeito que é um “homem-código, homem-fluxo”, aceleram uma percepção animista do capitalismo no qual todo trabalhador precarizado vive condições semelhantes ao do negro no primeiro capitalismo. No passado, trabalhamos com a proposição de Mbembe em uma chave mais ambígua ao nomeá-la como “devir-trava do mundo”: a aceleração dos processos de generificação (como falado anteriormente no caso de fisiculturistas, mas não apenas) como parte corriqueira da vida, uma crescente plasticidade do corpo-mente amparada por técnicas que vão do molecular ao molar.



ou de neoliberalismo<sup>12</sup>; enfim, uma promessa de futuro foi negada e a .precarização torna-se norma, é evidente que a lógica de poder de consumo na base da família passa por um abalo, da qual os fenômenos mais expressivos sejam, possivelmente, as mutações dos papéis sexuais ou aquilo que chamamos de gênero.

## **2. Saindo do incel e do *N.E.E.T* para a musa trans de direita ou o *streamer femboy***

---

<sup>12</sup> Para uma crítica da postura de “adjetivação do capitalismo” enquanto uma posição pouco marxista do ponto de vista analítico, cf. WARK, McKenzie. 2023. A partir de uma revisão do seu texto *Manifesto Hacker* (2023), Wark aposta em um exercício especulativo em traçar uma direção na qual o Capital já não esteja simplesmente em uma nova roupagem, mas em uma fase transicional.

## An Introduction to Stransserism



Before you continue reading I'd like to make it known that Stransserism is **NOT** a fictional ideology. Many sources will disagree with me; but can an ideology that has real support be fictional? No. Just because our ideology is not popular does not mean it doesn't exist.

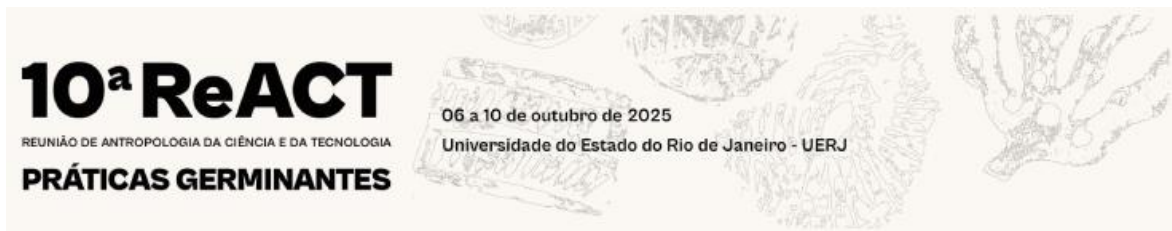
To dumb it down to the simplest terms Stransserism is an auth-left, ultranationalist, anti-capitalist, culturally right (minus lgbt issues), ideology.

It advocates for a nationalist workers state with the belief that white countries are more likely to be progressive in terms of social issues than non-white countries.

Essentially: It's Strasserism without the LGBT hatred.

Fig. 2. *Printscreen* retirado do site [stransserism.neocities.org](http://stransserism.neocities.org), dedicado à uma explicação didática do que o “strasserismo trans” se basearia. Percebemos como o(a) autor(a) deixa claro que a ideologia pode ser minoritária, mas que ela não é inexistente. O Strasserismo era uma dissidência do Nazismo em sua inceptção, apesar de manter muitos dos seus valores centrais. Apesar de provavelmente não existir algo como um “Stransserismo” organizado a nível de movimento político, esse tipo de página e manifestações correlatas mostram o cruzamento que advém dos fluxos meméticos originados no chan.

É importante explicitar que as pessoas que se incluem nesse enquadre (do “transcelato kawaii”) não são “menos trans” que outras encarnações da transexualidade, e que existem manifestações de indivíduos trans com sinalização à direita ao qual não pertencem a este escopo e que servem de pivôs políticos muito mais perigosos e influentes, como a *youtuber*



estadunidense Blaire White e sua contraparte brasileira, Sophia Barclay, associada ao PL e o Bolsonarismo e a qual devota grande parte do seu tempo a chamar a atenção de Erika Hilton nas redes sociais, até agora aparentemente sem sucesso. Quando observamos o transcelato *kawaii* discutido em público, muitas vezes transfemininas questionam: por que o correlato masculino, o caso dos transmascs<sup>13</sup>, não é trazido a voga? A questão é que essa simetria, do nosso ponto de vista, não se dá: sua manifestação não estaria no *chan*, mas em um espelhamento da hombridade tradicional, como algumas travestis tendem a relatar a partir das suas relações com homens trans, ou seja, o problema, e o circuito, é outro, ligado a um espaço “mais tradicional” de performance de gênero.

---

<sup>13</sup> Uma vez, na rede social Bluesky, observamos alguém articular algo no sentido: “Por que não se fala da *Eva Braun to transmasc pipeline*?”. Contudo, argumentamos que mais do que endereçar uma situação concreta (o flerte de posições de extrema-direita vindo de transmasculinos, o que até agora não se manifestou de forma palpável como no caso de pessoas transfemininas com passado incel) o argumento parece simplesmente só não querer endereçar a questão da transfeminilidade. Podemos ressaltar, contudo, que para além da adoção de masculinidades tradicionais, existem *transmascs* que parecem advir de uma ex-lógica TERF, na qual uma “socialização feminina” passada os colocaria sempre em posição subalterna em relação a transexuais femininas, o que ironicamente parece não levar em conta o quanto o processo de transição muda efetivamente o papel e posição social dos indivíduos que passam por ela.

# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Fig. 3. A *influencer* Blaire White em foto no dia 13 de maio de 2022 no seu perfil no X, com a legenda: “If you see a bulge in a conservative woman’s pants, it’s a gun. If you see a bulge in a liberal woman’s pants, it’s a penis” (Se você ver um volume nas calças de uma mulher conservadora, é uma arma. Se você vê um volume nas calças de uma mulher liberal, é um pênis).

Em seu artigo *Femboys in the Factory: Trans Labor beyond Abjection?*, Alexis Davin faz um mapeamento do surgimento da categoria no *4chan* e no *Reddit*<sup>14</sup>, assim como a sua associação de uma apresentação/performance de gênero feminina a qual, inicialmente, aposta em uma autoidentificação masculina. Todavia, Davin mostra que essa formulação original é excedida; pessoas transfemininas e não-binárias passam a ser aceitas nos fóruns criados por e para *femboys*, mas uma mesma imagem de um corpo sem-gênero pré-pubescente permanece, o que salienta o recorte racial desse sujeito. Existem, afinal, *femboys* negros, mas eles são a exceção que provam a regra de que a aproximação dessa concepção de corpo é muito mais fácil para pessoas brancas<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Outro esforço teórico que antecede essa pesquisa sobre identidades trans e seu entrelaçamento em espaços virtuais de direita é *The Anatomy of the Soy Boy* (2018), por Jules Joanne Gleeson, que parte das posições conspiratórias sobre a influência da soja como forma de feminização geral dos homens hoje para refletir como algumas categorias trans ou LGBT surgem da lógica e espaço comunicativo da extrema-direita.

<sup>15</sup> Um fenômeno que converge para essa observação é a longa crítica das feministas negras sobre a relação da feminilidade enquanto uma construção histórica relacionada à branquitude, porém, para além dessa posição sobre a desgenerificação de mulheres negras — como no texto seminal *Mama's Maybe, Papa's Baby* (1987) de Hortense Spillers — é o fato de um número crescente de mulheres racializadas (com frequência, mulheres negras) que passam por violência transfóbica, ao serem lidas enquanto transexuais. Assim como sujeito implícito da unidade familiar pós-Capitalismo Industrial é o burguês e o trabalhador, o da feminilidade é a mulher branca.



Fig. 4. A barra lateral do *r/Femboys: Boys Just Wanna Have Fun*. Observemos que apesar do subtítulo que reafirma o “boy”, o significante masculino, as *hashtags* ao fim estão em um amplo espectro trans: do/da *femboy*, ao NB e ainda contemplando transfemininas e transmasculinos. Como veremos ao longo do texto, apesar de ser uma categoria com gênese específica associada à negação de uma transfeminilidade, entende-se melhor *femboy* como um registro estético, uma forma de construção de corpo e universo memético atrelado a ele.

Davin também mostra para a infiltração uma estética oriunda dos animes nesses espaços. A unificação visual desse grupo, portanto, ao invés de tomar como referência outras mulheres — sejam elas cis ou trans — se dá com a identificação da feminilidade presente em personagens masculinos com alta feminilidade em animes.

# 10<sup>a</sup> ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

## PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

## How to Achieve “Trap-Mode” Aesthetics

(An updated and corrected guide to developing a more feminine body)

### Exercise

#### Overview

- For a feminine ass, you need to bulk up your ass muscles, especially your Gluteus Medius, which will make your ass round and full.
- You cannot gain muscle mass while dieting to lose weight, but exercising while dieting will prevent those muscles from shrinking.
- The calories burnt during Cardio are vital for good weight loss. Running is especially great for your ass and legs.
- Eat some protein within half an hour of working out in order to promote targeted muscle growth.
- Avoid lifting weights or otherwise exercising areas that you don't want to get bigger.

#### Sample Workout

- Here is a workout to make your ass amazing and your body more feminine...
- Run for 30 minutes three times a week. If you can't run for 30 minutes, follow the Couch to 5k workout below until you can.
  - On days that you run, also do the calisthenics routine below. It should take about an hour.
  - If you're out of shape start at 3x10 for each exercise and work your way up over a few weeks.
  - Good form is important. Spend 1 sec lifting, 1 sec holding, 1 sec lowering, and 1 sec in starting pose.
  - Rest 1:30 between sets (the 3 in 3x30) or else you won't develop the bulk you need.

- **Assisted Lunges:** 3x30 each leg.
- **Kickbacks:** 3x30 each leg.
- **Bridges:** 3x30.
- **Floor Hip Abductions:** 3x30 each leg.
- **Assisted Squats:** 3x30.

- On days when you are not running, do the following exercises in order to improve flexibility and promote overall feminine grace.
- You can find beginner lessons for all these exercises online. For the dance section go with something feminine and sexy like Belly Dancing.

- **Pilates** x 30 minutes.
- **Dance** x 30 minutes.
- **Yoga** x 30 minutes.

### Diet

#### Hormones and Food

- Most environmental sources of hormones are incidental and will be filtered out by your body.
- Your body only has so many hormone receptors. Increasing your estrogen levels won't do much if you don't also lower your testosterone levels.
- Low-fat diets, vegetarian diets, and diets high in Soy or Flax Seeds have all been shown to lead to overall lower testosterone levels.
- Avoid rare and bloody meats, as they lead to a higher overall testosterone level. Chicken is okay, but beef and pork.
- Spearmint Tea (5 cups/day) and Saw Palmetto (500mg/day) are great anti-androgen supplements which will lower testosterone and reduce body-hair.
- Pura Mirifica (500-2,000mg/day) is a strong natural pseudo-estrogen. It will make your body curvier and your skin softer and more sensitive.

#### Losing Weight

- Go here: [www.exc.net/Calculators/CalRequire.html](http://www.exc.net/Calculators/CalRequire.html)
- In summary: burn more energy than you eat.
  - Calculate your Base Metabolic Rate (BMR). This is how much energy your body uses doing nothing.
  - Find out how many calories total you expend over the course of the day.
  - Eating fewer calories than you burn each day will create a calorie deficit and, thus, weight loss.
  - Start out with a deficit of 100 calories and work your way up to 500 calories over two weeks.
  - A deficit greater than 500 will risk your body burning muscle. This is fantastic if you want to get rid of muscle, but be careful not to overdo it.
  - Try not to eat less than your BMR, as it will panic your body and alter your metabolism.
  - 40-50% of your calorie intake should be carbs. Too many carbs results in insulin which results in fat.
  - Avoid simple carbs, as they convert easily to fat.
  - Eat a daily minimum of 0.5kg of protein per pound of your weight. Beyond that, the more you eat the more muscle you'll maintain or develop.
  - Take a good daily multi-vitamin and multi-mineral.
  - Drink 3 liters of water a day to avoid water weight.
  - Omega-3 is a great weightloss aid. You can get a daily dose with 6g of Flaxseed or Fish oil.



V2.1 by Phet, with Love,  
With help from...  
Mazur APC, /city/  
/right/ and Tranches.net

### Other Good Skin

- Exfoliate. Whenever you shower, use a loofah and a good body wash. Look up proper loofah use. Exfoliating will scrape all the dead skin from your body and make your skin silky smooth.
- Your face's skin is more sensitive, so you need to use a facial exfoliator. You can make one on your own using household foods. Look up a recipe online. Do this twice a week.
- Moisturize. Get a moisturizer that suits your skin. Apply it when you get out of the shower. Use a facial moisturizer after you exfoliate your face.
- For kissable lips, brush them with a toothbrush to exfoliate, then wear chapstick basically all the time.

### Good Hair

- Shampoo dries hair and leaches natural oils. You can make your hair healthier by shampooing every other day instead of daily.
- Whenever you shampoo, follow up with a high quality conditioner. Focus on your tips and the mid section, not the roots.
- Avoid harsh chemicals, heat, and rough treatment. These can damage your hair. When you're drying your hair, pat it down, don't wring it or blow dry it.
- You will see good nutrition pay off in healthy hair.
- There are many different kinds of hair, and they generally require different types of treatment, for best results ask your stylist about your hair type and how to best take care of it.

Photo: If you have access to a gym, try doing some Resistance Pilates to develop your chest and some Reverse Hyperextension to further round off your ass.



## Couch to 5K

Photo: Running light results in a slimmer ass than running on a flat plane.

| Week | Day 1                                  | Day 2  | Day 3                                              | Day 4  | Day 5                                  | Day 6  | Day 7                                  |
|------|----------------------------------------|--------|----------------------------------------------------|--------|----------------------------------------|--------|----------------------------------------|
| 1    | 5 min walk<br>2 min jog<br>5 min walk  | Relax! | 5 min walk<br>2 min jog<br>5 min walk              | Relax! | 5 min walk<br>3 min jog<br>5 min walk  | Relax! | Relax!                                 |
| 2    | 5 min walk<br>3 min jog<br>5 min walk  | Relax! | 5 min walk<br>4 min jog<br>5 min walk              | Relax! | 5 min walk<br>5 min jog<br>5 min walk  | Relax! | Relax!                                 |
| 3    | 5 min walk<br>6 min jog<br>5 min walk  | Relax! | 4 min jog<br>5 min walk<br>4 min jog<br>5 min walk | Relax! | 5 min walk<br>7 min jog<br>5 min walk  | Relax! | Relax!                                 |
| 4    | 5 min walk<br>7 min jog<br>5 min walk  | Relax! | 5 min walk<br>8 min jog<br>5 min walk              | Relax! | 5 min walk<br>9 min jog<br>5 min walk  | Relax! | Relax!                                 |
| 5    | 5 min walk<br>9 min jog<br>5 min walk  | Relax! | 6 min jog<br>5 min walk<br>6 min jog<br>5 min walk | Relax! | 5 min walk<br>10 min jog<br>5 min walk | Relax! | 5 min walk<br>11 min jog<br>5 min walk |
| 6    | 5 min walk<br>11 min jog<br>5 min walk | Relax! | 13 min jog<br>5 min walk                           | Relax! | 15 min jog<br>5 min walk               | Relax! | Relax!                                 |
| 7    | 15 min jog<br>5 min walk               | Relax! | 8 min jog<br>5 min walk<br>8 min jog<br>5 min walk | Relax! | 16 min jog<br>5 min walk               | Relax! | 17 min jog<br>5 min walk               |
| 8    | 17 min jog<br>5 min walk               | Relax! | 18 min jog<br>5 min walk                           | Relax! | 20 min jog<br>5 min walk               | Relax! | Relax!                                 |
| 9    | 20 min jog                             | Relax! | 12 min jog<br>5 min walk<br>12 min jog             | Relax! | 24 min jog                             | Relax! | 25 min jog                             |

Photo: This way fat distribution across your body is based on your ass hormones. If you gain fat while your biceps/biceps are up, more of it will go to your chest, ass, and thighs. To gain weight, simply force yourself to eat more calories than you are expending each day.



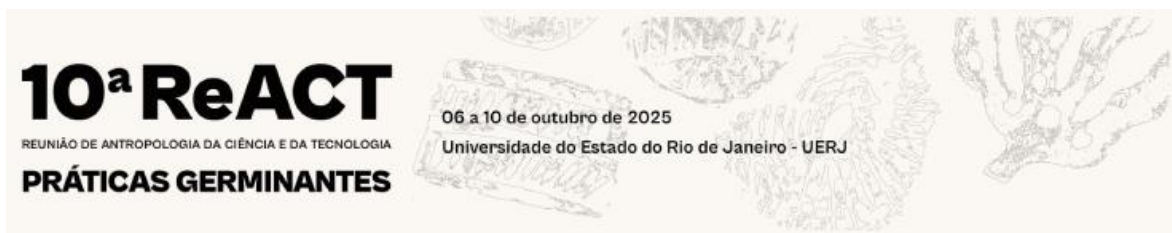
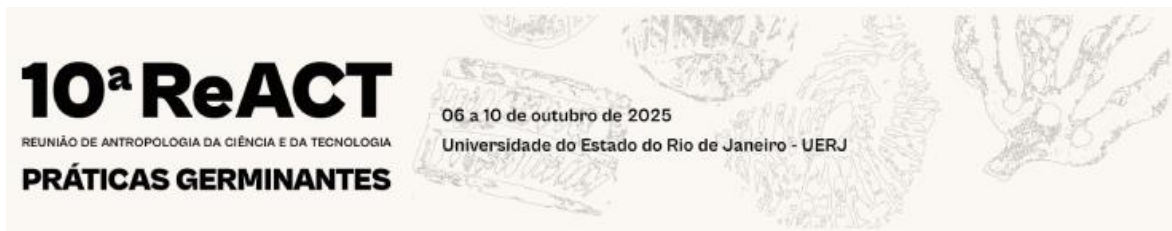


Fig. 5. “*How To Achieve Trap-Mode Aesthetics*”, imagem conhecida nos fóruns do chan pela sua indicação de uso hormonal (sem a perda da ereção), exercícios semanais e outras estratégias para alcançar um corpo mais feminino sem o abandono do “apelo” de ser um *femboy*.

Apesar da manifestação específica da idealização da garota (ou garoto feminino) de anime enquanto avatar a ser buscado como forma de idealidade, sugerimos que há um entrelaçamento mais profundo: a estrutura erigida pela cultura otaku não se manifesta somente nesses casos, mas parece ter sido um modelo de consumo o qual hoje passa por toda forma de *fandom*, forma de se referir aos públicos de produtos narrativos midiáticos e hoje até mesmo de divas pop. No texto fundante sobre cultura otaku e sua relação com o pós-modernismo, *Otaku: Japan's Database Animals* (2001), o crítico cultural Hiroki Azuma traça uma progressão dos anos 70 aos 90 na qual a cultura otaku passa de uma grande narrativa à um “agregado não-narrativo”. A popularidade crescente de sites como *Rate Your Music*, *Letterboxd* e semelhantes é um exemplo de espaços onde não só os usuários catalogam através de hashtags, notas e listas, mas constroem um senso de comunidade e cultura entre si. Em um período de fratura de identidade a nível nacional, o otaku buscou um lugar de pertencimento e coesão através do consumo de certos produtos, o que leva a uma menor importância da narrativa uma ênfase na iconicidade das personagens e seus *designs*. Outro aspecto da cultura otaku que prefigura a cultura global recente é o *N.E.E.T* — Not In Education Employment or Training — indivíduos jovens sem entrada na educação e trabalho que são vistos como formas de párias sociais. Por um lado, o incel é a radicalização à extrema-direita do *N.E.E.T*, do outro a relação midiática dos otakus torna-se um formato predominante para nichos virtuais de consumo, e portanto, para circuitos meméticos

A aposta de Davin na leitura da inserção e coesão dos *femboys* é, acertadamente, do registro estético. A abundância de mobilização de categorias da ficção, assim como os registros autobiográficos e arquivos pessoais que são hoje preservados e resgatados por iniciativas como o Archivo Trans da Argentina e o Acervo Bajubá no Brasil, mostra que há uma autoconsciência grande do registro estético e da narrativa de si como algo importante na



forma de transição<sup>16</sup>. A partir de um corte geracional, indivíduos na faixa de 15-22 anos, a categoria *femboy* parece um registro estético crescente na autopercepção de pessoas em processo de transição.

Nos debruçamos na categoria *femboy* porque ela nos parece o registro estético sobressalente no caso de transições de transfemininas com o passado ou léxico e imaginário *incel*, visto que o circuito memético é o mesmo, ou ao menos compartilha de características profundamente semelhantes. Se a experiência de transição abre para uma multiplicidade de registros estéticos, é notável que uma categoria tão próxima dos espaços meméticos da extrema-direita não só tenha se tornado crescentemente popular nos Estados Unidos — o exemplo de Davin sendo a popularidade da *streamer* Finnster na plataforma Twitch — como também algo semelhante parece ocorrer no Brasil, no qual a travestilidade possui tanto uma memória histórica infiltrada no imaginário popular como um lugar singular na política parlamentar de esquerda, como observamos no número crescente de parlamentares travesti, sua projeção midiática e seu compromisso político não só com os direitos trans, mas com uma série de outras pautas de esquerda. Como afirmou a deputada Carolina Iara em uma mesa que dividimos no Colóquio Marxista Feminista, no sentido da política partidária o Brasil é uma vanguarda da luta política travesti.

Com isso em mente, por que parece que a travestilidade — e com isso, podemos pensar na forma cada vez crescente do uso coloquial de *transfem*, de origem estadunidense, entre transfemininas jovens — parece ser parcialmente rejeitada (é possível, contudo, a coexistência autoidentificação enquanto travesti com qualquer uma dessas identidades transfemininas) por uma geração mais jovem? Do nosso ponto de vista, e aqui estamos em consonância com as análises de Davin e Jules Joane Gleeson no contexto estadunidense, é uma tentativa de rejeição psíquica e até mesmo dentro do contexto social virtual da abjeção<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Como bem apontado na autobiografia de Luísa Marilac: “O corpo é a peça de arte da travesti. É nosso pedaço de pedra-sabão, nossa tela em branco. É nele que expressamos nossa visão de beleza, de transgressão às normas, nossa leitura do feminino. É um processo de digestão: a gente pega a mulher que nos é dada pela sociedade, a interioriza, elabora, dá cara própria — enfim, digere — e a exterioriza de novo, modelando-a no próprio corpo” (QUEIROZ, 2019, p.28).

<sup>17</sup> Abjeção tanto no sentido da feminização do trabalho, fora da esfera produtiva, como apresenta o coletivo Endnotes, como no sentido psicanalítico, tratado por Julia Kristeva (1982).

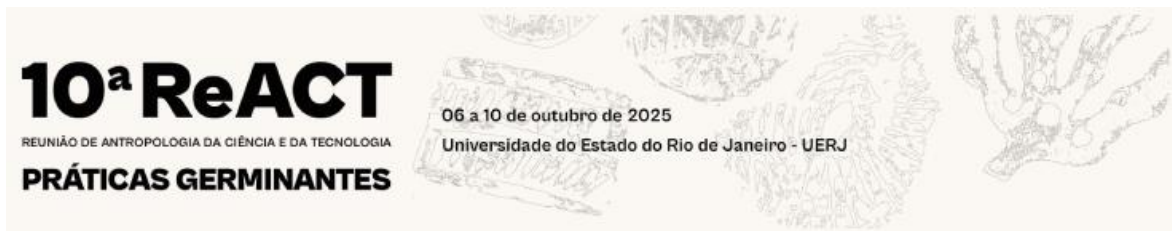
que acompanha a travestilidade e as identidades trans como um todo. Ocupar o lugar de uma ambiguidade que permite afirmar uma rejeição da feminilidade trans é algo recorrente nos espaços aqui descritos. Anteriormente, podemos dizer que a divisão entre mulher trans e travestis, a primeira uma categoria de origem médica administrada pelo Estado, já tinha um marcador de classe, apesar de hoje uma coexistência ser cada vez mais comum. A questão é que em última instância esse refúgio é frágil. No cotidiano, como bem nota Amanda Palha em sua descrição sobre a emergência das categorias no texto *Travesti x Mulher Transexual — afinal, qual a diferença?* (2017) independente da autoidentificação (muito variável entre as travestis, que conjugam por vezes simultaneamente a bixa, a mulher e a travesti) em última instância quando vistas, somos marcadas da mesma forma. A distinção categorial talvez permita que em certos espaços, seja no trabalho sexual, seja nos fóruns virtuais, alguma diferença de juízo ocorra para determinados públicos, mas a abjeção é inescapável independentemente da sua apresentação de gênero. Se traçamos uma totalidade, no cotidiano, nos espaços urbanos e institucionais (onde você será marcada independente de ser passável caso não tenha a documentação retificada) eu, você e as outras somos *travecos*, com todo o estigma, mas com toda a história política e mundo estético por trás dessa palavra. Uma categoria que forjou uma língua, um mundo e estratégias de sobrevivência em um contexto de perseguição estatal e violência civil a qual aqui não parece próxima de cessar, e que hoje se põe à frente da luta política de esquerda no Brasil.

### **3. Transmissão do vírus transexual ou epidemiologia *woke***

Qual o sujeito que tende a integrar o transcelato *kawaii*? Levando em conta que, assim como no caso dos *femboys* trata-se de uma generalização, podemos dizer que muitas dessas pessoas são brancas, de origem de classe média, possivelmente tem uma concentração maior no sul e sudeste do país, muitas vezes trabalham com programação, um investimento libidinal na garota de anime como um avatar conscientemente ou não almejado de transição, um vocabulário profundamente marcado pelo inglês, por vezes com gírias como *hon*, *tron*, *femoid* e *passoid* advindas do *chan*. Em seus casos mais extremos, um flerte irônico com

memes com o Sol Negro, com imaginário nazista e outras figuras do supremacismo branco. Enquanto espelhamento do seu correlato *incel*, uma preocupação com a aparência — a concepção trágica de que a transição pós puberdade só pode resultar em um fracasso miserável a não ser que isso se corrija com muitos procedimentos cirúrgicos — que beira à frenologia, pensando com cuidado nas medidas de cintura, ombro, quadril, e por vezes até mesmo distúrbios alimentares intensos. Em alguns casos, até repetem um lugar de inferiorização em relação ao pertencimento à mulheridade, ou em outros, a visão das mulheres cis como radicalmente distintas em um ponto onde não se busca a interação com elas, mas a comunicação com outras *transfems*, a mulher cis torna-se simultaneamente um objetivo de transição inalcançável como um ser inferior que nunca entenderia complexidade trans. Há um niilismo e um cinismo marcante em relação ao próprio destino tal como o destino do mundo.

Nem todos esses traços coexistem simultaneamente, mas em maior ou menor intensidade, eles têm um lastro de um passado *incel* que ainda parece permanecer em complexo memético, imaginário e léxico. Inicialmente, observamos esse fenômeno com uma forma de cautela e por algumas experiências individuais, com reatividade. Todavia, cabe pensarmos o contexto geral dessa situação. Evidenciamos que não é porque essas pessoas são trans que atitudes e falas racistas, classistas e misóginas, que tendem a serem comuns, devem ser aceitas. Mas, se a progressão do crescimento dos *incels* se dá com uma falência e portanto reconfiguração dos papéis sexuais e da família, o enclave das identidades trans com ex-celibatários involuntários provavelmente é inevitável. Em muitos relatos virtuais no *Medium*, no Reddit e no vídeo que se popularizou sobre o fenômeno no youtube, *The Incel to Trans Pipeline: Inside Mari*, a transição foi uma forma de lidar e dissolver a misoginia internalizada, de mesmo deixar a visão fatalista e de uma suposta praxeologia biológica para trás. Nesse sentido, acreditamos que seja um ganho que parte de um grupo demográfico que é conhecido por engajar em violência virtual, e nos piores casos, terrorismo doméstico, esteja encontrando um novo sentido na vida através da transição. Em vários casos esses espaços também buscam uma acessibilização de métodos de terapia hormonal. O fenômeno, de fato, não é unilateral.



Muitas vezes no Brasil a travesti foi associada à ideia do vírus, por conta da HIV, e a justificava à Operação Tarântula se deu com uma interpretação do Código Civil ao ler-las enquanto vetores de doenças venéreas. Em uma entrevista com Jordan Peterson sobre Vivian Musk, Elon fala que ela foi afetada pelo *woke mind virus*. Assim como acreditamos que a abjeção não é só uma condição de trabalho precarizado imposto às minorias no Capitalismo, mas uma categoria psicanalítica que causa um curto-circuito no sujeito ao fazê-lo encontrar com alguém que não é nem objeto nem sujeito, há uma positivação do vírus ao lermo-os nos termos de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1980): um contágio que trabalha através da transversalidade, uma epimédia que permite a mutação, a forma que a Natureza trabalha contra si mesma em processo de indeterminação. No manifesto/carta deixado pelo ícone-mor dos *incels*, Elliot Rodger, ele fala que alguns dos seus momentos felizes na infância era quando não havia distinção entre os meninos e meninas, e que seus momentos mais felizes, além desse, foi quando pode descolorir o cabelo. O caso de Rodger e de muitos outros é de uma formação catastrófica, um enrijecimento da identidade que só vê o papel sexual como um destino e maldição fatalistas. Esperamos que consigamos criar e ampliar os espaços pedagógicos e de convivência que permitam que pessoas possam transicionar *sem* o peso de um processo de ansiedade que pode facilmente ser capturado pela radicalização e pelas respostas da extrema-direita. Não basta acreditarmos que um aumento exponencial em transições levará a um quadro mais progressista ou revolucionário, porque uma disputa política e profundamente estética está em jogo o tempo todo. O futuro, tal como a anatomia, é processo e não destino. Afinal, a transição é, em última instância, um princípio de mutabilidade<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Proposição baseada em uma comunicação na qual relacionamos a emergência da categoria do fetiche na colonização com a experiência fetichística específica à transexualidade. Cf. CAMARGO, Eduarda, 2025.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES VESTANA, Carolina; GOULART LAMARÃO, Fernanda; RODRIGUES BRUZZI, Valeska. Mulher, Estado e Revolução política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936. Wendy Goldman. **Revista Direito e Práxis**, vol. 5, núm. 9, 2014, pp. 538-544. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

AZUMA, Hiroki. Otaku: Japan's Database Animals. University of Minnesota Press, Minneapolis, 2009.

CAMARGO, Eduarda. Fetisso, feitiço, fetiche, fascínio: desdobramentos em torno do falo. YouTube, 20 de setembro de 2025. 28min15s. Disponível em: <[https://youtu.be/eQQ3gNzDPiw?si=nV\\_Qawsb38J1tCnP](https://youtu.be/eQQ3gNzDPiw?si=nV_Qawsb38J1tCnP)>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

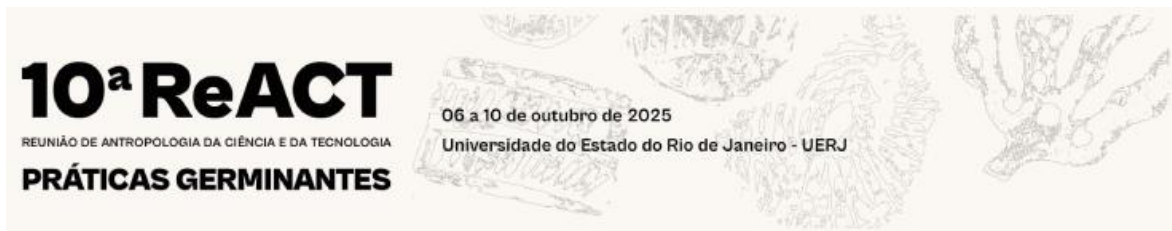
CENTRO DE PESQUISA TRAVESTI. Tecnologias biossociais de gênero no TRAVECOCENO. Youtube, 1h23min12s. Disponível em: <<https://youtu.be/bRu9cz2dcOc?si=go1Zvrbl0eJ7rteJ>>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.

DAVIN, Alexis. Femboys in the Factory: Trans Labor beyond Abjection? **Transgender Studies Quarterly**. 11 (2): 287–317, 2024.

GLEESON, Jules Joanne. An Anatomy of The Soy Boy. **New Socialist**, Inglaterra, 3 fev. 2018. Disponível em: <<https://newsocialist.org.uk/an-anatomy-of-the-soy-boy/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

KRISTEVA, Julia. Powers of Horror: An Essay on Abjection. Columbia University Press. Nova Iorque, 1982.

MACIEL, Lucas; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Anões, chads e nazipardos: as estratégias de nomeação e predicação no discurso da direita-alternativa no Brasil. **Texto Livre**, Minas Gerais, 17, 2024.



MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. N-1 EDIÇÕES. São Paulo, São Paulo, 2014.

MENAND, Louis. Francis Fukuyama Postpones The End of History: The political scientist argues that the desire of identity groups for recognition is a key threat to liberalism. *The New Yorker*, Nova Iorque, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2018/09/03/francis-fukuyama-postpones-the-end-of-history>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

OLIVEIRA, Chico. Hegemonia às avessas: Como na África do Sul do fim do apartheid, também no Brasil de Lula e do Bolsa Família parece que os dominados dominam, quando na verdade o governo capitula diante da exploração desenfreada. *Revista Piauí*, Rio de Janeiro, 4 jan. 2007. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hegemonia-as-avessas/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

Primeira Conferência Internacional de Marxismo Feminista. Queer e Marxismo. Youtube, 2h17min44s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/LZ48NTqdmjY?si=45J9JUor2hz-HiV6>>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.

QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: Memórias de Luísa Marilac*. Record. São Paulo, São Paulo, 2019

WARK, McKenzie. *O capital está morto*. Sobinfluencia Edições. São Paulo, São Paulo, 2023.

\_\_\_\_\_. *Um manifesto hacker*. Sobinfluencia Edições. São Paulo, São Paulo, 2023.

WYNTER, Sylvia. The Ceremony Found: Towards the Autopoietic Turn/Overturn, its Autonomy of Human Agency and Extraterritoriality of (Self-)Cognition. In: AMBROISE, Jason R.; BROECK, Sabine. *Black Knowledges/Black Struggles: Essays in Critical Epistemology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.